

MEMÓRIAS DE UM BORDADO: O KALOCSAI DA HUNGRIA AO BRASIL

Memories of an embroidery: the Kalocsai from Hungary to Brazil

Kosa, Karolina Cabral; Mestranda; Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, karolikosa@hotmail.com¹
Teixeira, Débora Pires; Doutora; Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, deborapires@ufrjr.br²

Resumo: O presente trabalho integra uma pesquisa em andamento e apresenta uma reflexão teórica a respeito do bordado Kalocsai, que foi trazido para o Brasil por imigrantes húngaros como objeto de memória e de resistência. Especificamente na cultura húngara, os bordados ocupam espaço significativo e estão presentes em diversos momentos, nos quais se enumeram variados tipos de técnica de ornamentação têxtil, entre eles, o bordado Kalocsai, originário da região da Kalocsa. No Brasil, os grupos de descendentes que cumprem o papel de preservação cultural, entre eles: a Confraria Húngara do Rio de Janeiro; Grupo de Danças Folclóricas Húngaras Pántlika e as ações da Universidade de São Paulo.

Palavras-chave: Bordado Kalocsai; Cultura Húngara no Brasil; Memória.

Abstract: This work is part of ongoing research and presents a theoretical reflection on Kalocsai embroidery, which was brought to Brazil by Hungarian immigrants as an object of memory and resistance. Specifically in Hungarian culture, embroidery occupies a significant space and is present at different times, in which various types of textile ornamentation techniques are listed, including Kalocsai embroidery, originating in the Kalocsa region. In Brazil, groups of descendants that fulfill the role of cultural preservation, including: the Hungarian Brotherhood of Rio de Janeiro; Pántlika Hungarian Folk Dance Group and the actions of the University of São Paulo.

Keywords: Kalocsai Embroidery; Hungarian Culture in Brazil; Memory.

¹Licenciada em Belas Artes (UFRRJ). Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Patrimônio, Cultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ.

² Doutora em Economia Doméstica/UFV, Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio, Cultura e Sociedade da UFRRJ.



Introdução

Conceitualmente, os bordados abrangem todos os trabalhos decorativos exercidos por meio de uma agulha sobre qualquer tipo de suporte pré-existente, como por exemplo, o tecido (Silva, 2006). Conforme Sousa (2009), o bordado pode incluir pedrarias, paetês e contas diversas a fim de criar texturas e relevos em uma ilimitada possibilidade de experimentação. As configurações materiais do bordado “excedem a dimensão funcional e nos falam de concepções de mundo, de hierarquias de valores, de relações sociais, de visões acerca das identidades e das diferenças” (Sousa, 2009, p.45).

Especificamente na cultura húngara, os bordados ocupam espaço significativo e estão presentes em diversos momentos, nos quais se enumeram variados tipos de técnica de ornamentação têxtil, entre eles, o bordado Kalocsai, originário da região da Kalocsa, uma cidade no condado de Bács-Kiskun, que fica a 142 quilômetros ao sul de Budapeste, capital do país.

A Kalocsa foi um dos bispados fundada pelo primeiro Rei da Hungria, Estêvão I, era próspera até ser saqueada pelos turcos. A cidade se reergue no século XIX como centro agrícola e de processamento de alimentos, por suas terras férteis graças à proximidade do rio Danúbio. Kalocsa é formada por aldeias que surgiram a partir das fazendas locais que produziam trigo para o mercado nacional. Assim, o povoado da cidade participou do crescimento comercial do país, obtendo acesso aos tecidos de fábrica e sedas coloridas, incentivando a criação de adornos em peças de vestuário (Héder, 2007).

Os motivos florais coloridos da pintura decorativa e do bordado de Kalocsa são amplamente conhecidos, costumam ser considerados um símbolo emblemático da arte folclórica húngara e representam o único elemento da cultura camponesa tradicional dessa região (UNESCO, 2013). Segundo o comitê do Patrimônio Cultural Imaterial da Hungria – ICH (2020), o bordado, a pintura decorativa, a roupas tradicionais e a dança folclórica da Kalocsa passaram a ser reconhecidos como Elementos do Inventário Nacional do Patrimônio Cultural Imaterial da Hungria, em 2012.

História, padrões, motivos e utilizações do bordado Kalocsai

Sobre a origem do nome, para Héder (2007), a maneira peculiar de criar os desenhos e combinar as cores na cidade de Kalocsa originou o nome desse tipo de bordado: Kalocsai. A língua Húngara é aglutinante, onde o sufixo [-i] indica uma cidade. Sendo assim, a palavra “Kalocsai” significa “de Kalocsa” [Kalacsa].

De acordo com Nádor e Szűcs (2005), o início da história do bordado na Hungria remonta à era do Rei Santo Estêvão, com destaque para o manto de sua coroação, no século X. Durante o Renascimento, houve uma produção crescente de bordados seculares, influenciados por padrões florais e de frutas. A invasão turca

enriqueceu os bordados com motivos florais, assim como a influência italiana. Posteriormente, influências austríacas, eslavas e romenas também se destacaram. Os bordados antigos eram caracterizados por uma ou duas cores básicas, enquanto a riqueza de cores e os padrões mais complexos surgiram no século XIX. O estilo ultracolorido em contraste com o fundo branco atual é uma evolução desse período.

A tradição do bordado de Kalocsa é relativamente recente, iniciando-se no final do século XIX e início do século XX (Nádor; Szűcs, 2005). Conforme Irma (1935), a cultura do bordado Kalocsai é situada no século XIX, mais tardia que outras formas de arte popular húngara. Os relatos verbais e os artefatos revelam suas raízes nas mãos das primeiras artistas, como Julis Báling em Szakmár. Para Héder (2007), a partir do final da década de 1920, período entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundiais, os bordados Kalocsai assumem sua forma atual, coloridos com vermelho, azul, amarelo, verde, rosa, roxo e suas variações sempre vibrantes, em fundo branco.

Utilizando como base um material branco, seus padrões são compostos por uma vibrante mistura de motivos florais e vegetais. Este estilo de bordado é conhecido por sua vivacidade, dinamismo e densidade de detalhes (Nádor; Szűcs, 2005).

Sobre os motivos dos bordados, esses são variados, sendo os elementos mais comuns os motivos florais, como romãs, tulipas e rosas, além de animais como pássaros e grifos. Objetos como jarros e vasos também são representados. Os motivos podem evoluir ao longo do tempo, como a transformação da romã em tulipa. Eles são combinados para formar padrões complexos e decorativos. Os motivos podem variar por região e período, cobrindo toda a peça ou apenas partes dela, como faixas ou bordas. Os padrões são construídos com base em sistemas e esquemas tradicionais, com modelos prontos disponíveis em cada vila. A repetição de motivos é comum na criação de padrões, geralmente com um elemento principal e complementar. Bordas decorativas são frequentes, embora não estejam sempre ligadas ao motivo central (Nádor; Szűcs, 2005).

Quanto as suas aplicações, Nádor e Szűcs (2005) revelam que os bordados representam uma parte diversificada da decoração, dividida em três categorias: mobiliário, interior, vestimentas e acessórios. Lençóis e colchas ornamentadas eram reservados para ocasiões especiais, enquanto toalhas de mesa variavam em decoração, desde bordas estreitas até desenhos completos. Camisas e aventais tinham enfeites nas mangas ou nas bordas, com padrões variados. Lenços para a cabeça, ombros e mãos eram bordados com monogramas ou padrões florais. Coletes masculinos e jaquetas femininas também eram decorados, marcando uma transição para o bordado em pele. As vestimentas eram exclusivas da Hungria, usadas principalmente por agricultores e pastores.

Conforme o Comitê do Patrimônio Cultural Imaterial da Comissão Nacional Húngara para a UNESCO (2009), na atualidade, as mulheres de Kalocsa que ainda desenhavam, pintavam e bordavam no estilo tradicional são as portadoras e perpetuadoras da herança local. Grupos de renascimento tradicional, grupos de dança folclórica, o museu local e o centro de arte popular contribuem para a salvaguarda da cultura e da arte popular características

que distinguem a identidade de Kalocsa. Os habitantes de Kalocsa e dos assentamentos vizinhos são devotados à sua herança popular. Eles criam inúmeras oportunidades para a apresentação de suas danças e trajes tradicionais: Festividades da Véspera de Verão, Festival Folclórico do Danúbio, Festival da Páprica de Kalocsa, festas de aldeia e celebrações da colheita. Esses eventos atraem pessoas de todas as idades e oferecem uma excelente oportunidade para a transmissão da herança cultural de geração em geração.

O bordado Kaloksai no Brasil

No Brasil, a imigração húngara divide-se em quatro principais etapas iniciadas em 1890, entretanto, os primeiros registros de personalidades húngaras em território brasileiro datam por volta de 1820, à maioria por motivos de trabalho.

A primeira etapa é marcada pela entrada significativa de grupos húngaros atraídos pelas políticas de imigração brasileiras, alocando-se na região sul do país e no interior de São Paulo. A segunda se deu após o fim da Primeira Guerra Mundial (1914 - 1918), onde foi assinado o Tratado de Trianon, que provocou a insatisfação nos húngaros que perderam sua nacionalidade repentinamente por efeito do desmembramento territorial da Hungria, promovendo a imigração. A Segunda Guerra Mundial (1939 - 1945) motivou a terceira etapa de chegada de grupos e famílias ao Brasil, registrado pela Prefeitura de Jaraguá do Sul – RS, a partir de 1945:

[...] Eram na maioria militares, oficiais, profissionais liberais. Fugiam da guerra ou da ocupação militar soviética e do regime comunista imposto pela União Soviética. Aprenderam a língua portuguesa, revalidaram seus diplomas, abriram firmas, pequenas fábricas, consultórios e começaram assim a sua nova vida (Arendt, 2019).

Em outubro de 1956 inicia-se uma revolução popular contra as tropas da União Soviética: a Revolução Húngara. A população pedia uma reforma econômica e política, alteração no sistema de importação e exportação, entre outras melhorias. Essa quarta e última grande etapa da imigração trouxe principalmente famílias de jovens com formação universitária ou técnica que se instalaram em maior parte na cidade de São Paulo.

Com a finalidade de acolher imigrantes compatriotas e, de certa maneira, manter a memória e os costumes da cultura húngara, Helene Joó de Kokron³ fundou, em 1952, em São Paulo, a Liga das Senhoras Húngaras⁴ em conjunto com Dom Emilio Jordán – então prior do mosteiro de São Geraldo (dos padres beneditinos húngaros). Entre as atividades, era ensinado às senhoras as técnicas de bordadura.

³ Helene Joó de Kokron, Húngara, mãe de Ilona Maria Kokron. Chegou ao Brasil em março de 1951.

⁴ Liga das Senhoras Húngaras - Associação filantrópica que promove reuniões mensais, almoços, jantares, desfiles, aniversários coletivos, passeios culturais, concertos etc. Colabora com as outras entidades e pessoas, ajudando as que necessitam de apoio.

Assim, o ato de bordar e seu produto final exerciam papel econômico-cultural, onde a reprodução de peças bordadas mantinha as recordações da pátria, em concomitância, a venda destas peças gerava renda para suprir necessidades pontuais, tal como a manutenção do grupo de escoteiros⁵ húngaros e a subsistência das próprias das famílias envolvidas.

Atualmente, existem grupos e eventos culturais mantidos por descendentes húngaros que cumprem o papel de preservação cultural, entre eles: a Confraria Húngara do Rio de Janeiro; Grupo de Danças Folclóricas Húngaras Pántlika e as ações da Universidade de São Paulo.

A Confraria Húngara do Rio de Janeiro é constituída por um grupo de húngaros e descendentes que se associaram para o mesmo fim: perpetuar a cultura *magyar*⁶. Suas atividades visam “o fortalecimento e preservação dos valores, cultura e tradições húngaras” (Szabó, 2018)⁷. Desde novembro de 2015, a Confraria promove reuniões mensais cujas pautas abordavam a troca de experiências, estudo e prática do idioma e mais assuntos pertinentes à Hungria. Ademais, a Confraria sistematiza palestras sobre a cultura e língua, organiza caravanas a eventos com presença de húngaros a fim de prestigiá-los, e visitas aos pontos significativos da cidade, que fazem parte da trajetória e história da comunidade húngara no Brasil.

O Grupo de Danças Folclóricas Húngaras Pántlika, formado em 1968, por Ilona Kokron, tem como o objetivo de manter, divulgar e apresentar a cultura húngara através da dança para os imigrantes húngaros, seus descendentes e também para o povo brasileiro (Associação Húngara/SP)⁸. Seus integrantes são crianças e adultos, filhos e netos de imigrantes da colônia de São Paulo. Além da dança em trajes típicos, o grupo mantém um conjunto de tradições regionais, incluindo as de Kalocsa, e conta com um acervo de indumentária constituído por reproduções feitas no Brasil e peças autênticas confeccionadas na Hungria.

Por último, a Universidade de São Paulo mantém relações estreitas com a cultura Húngara, visto que as comunidades de húngaros e de descendentes se concentram, em maioria, na cidade. Além dos cursos de difusão da língua e da cultura húngara (FFLCH, 2019)⁹, a organização também promove eventos acadêmicos concernentes à Hungria, contando com a cooperação da comunidade húngara, da Embaixada da Hungria no Brasil, entre outros cooperadores. Dentre eles, a Conferência sobre a Presença Húngara¹⁰ no Brasil.

⁵ Grupo de Escoteiros Szondi György foi criado em 1949. Através dos acampamentos e excursões desenvolvem-se habilidades, a destreza e a segurança dos jovens e, sendo estas atividades em húngaro, fortalecem-se o conhecimento da língua e da cultura húngara.

⁶ Magyar: termo que significa “húngaro”. Pode ser usado para referenciar tanto habitantes como cidadãos da República da Hungria.

⁷ Ágnes Szabó é Húngara, mas reside no Rio de Janeiro desde 2014. Na Hungria era servidora pública e atualmente é presidente da Confraria Húngara do Rio de Janeiro.

⁸ Grupo de danças Folclóricas Húngaras. Associação Húngara. Disponível em: < <http://www.ahungara.org.br/grupos/pantlika>>.

⁹ Curso de Língua Húngara da Universidade de São Paulo. Disponível em: < <http://letrasorientais.ffe.usp.br/hungaro>>. Acesso em 20 de fevereiro de 2019.

¹⁰ Conferência Sobre a Presença Húngara no Brasil. Disponível em: < <http://hungarosnobrasil.000webhostapp.com/iv-conferencia-sobre-a-presenca-hungara-no-brasil/>>. Acesso em 20 de fevereiro de 2019.

As práticas adquiridas pelos descendentes das bordadeiras da região de Kalocsa vão além do produto, das peças produzidas e da finalidade que tinham como objeto de uso pessoal, pois a herança era e é, o próprio bordado. Junto com os bordados vinha à técnica, as cores, as linhas, a paisagem e os elementos das naturezas retratadas, a reunião de mulheres, o afazer exclusivamente feminino, e o significado social do ato de bordar. Assim sendo, os artigos de vestuário que receberam os bordados Kalocsai – incorporam sentido material, enquanto que seu fazer e suas técnicas relacionam-se aos conceitos culturais intangíveis e de resistência, pois carregam as trajetórias dos imigrantes húngaros no Brasil.

Conforme Candau (2019, p. 59), a memória é o elemento essencial para a construção da identidade individual, sem a qual “o sujeito se esvazia, vive unicamente o momento presente, perde suas capacidades conceituais e cognitivas. Sua identidade desaparece”. Para o autor, a identidade é, na verdade, “a memória em ação”, pois é por meio dela que se criam as narrativas de pertencimento identitário. Já a memória é definida como as narrativas que sobreviveram ao passado e são constantemente relembradas, denotando, portanto, um sentido de coesão para o indivíduo e para o grupo.

Assim, os objetos vinculados aos indivíduos podem dizer muito sobre eles, tanto aqueles que estão mais próximos do corpo, a exemplo daqueles que compõem a indumentária e a vestimenta, quanto os que ficam escondidos em gavetas, em caixas ou expostos nas estantes domésticas. Sejam objetos banais ou relíquias, eles podem desempenhar papéis importantes na construção da identidade, personalidade, e com vínculos memoriais dos sujeitos. Possuem a capacidade de serem evocadores memoriais e narradores de histórias (Nery, 2017).

De acordo com Lopes (2017), os sentimentos ligados as roupas estão presentes desde antes do nosso nascimento e permanecem presentes até após nossa morte, onde cabe aos mais próximos a escolha da vestimenta com a qual o ente querido será enterrado, o como será recebido pela eternidade. Tanto as roupas feitas em casa, pelos familiares, ou humildes costureiras, com tecidos pouco refinados, como também aquelas compradas em grandes casas da Alta Costura parisiense, são objetos de memória (Lopes, 2017; Ferreira, 2015).

A relação do vestuário como um elemento tanto construtor como desconstrutor identitário, por meio da uniformização, e também o vestuário como objeto encarregado de não deixar cair no esquecimento as memórias (Silveira, 2021).

Como afirma Stallybrass (2008) no livro *O casaco de Marx*, a roupa (...) “recebe nosso cheiro, nosso suor, e até mesmo nossa forma” (p. 10) e pensar sobre a roupa, significa pensar sobre memória, pois “a roupa tende, pois, a estar poderosamente associada com a memória ou, para dizer de forma mais forte, a roupa é um tipo de memória” (p. 13). As roupas preenchem memórias difíceis, como a ausência de algo que não se quer ou que não se imagina perder, pois, ela carrega o fenômeno da continuidade, já que o corpo que habita a roupa vai, mas a roupa fica.

Nesse sentido, a roupa além de ser um objeto, não é qualquer objeto, é o que está mais próximo ao indivíduo, que está conectado diretamente a pele, protegendo o corpo, sofrendo o primeiro impacto, e como qualquer outro objeto, as roupas podem dizer muito sobre a personalidade de cada um, pode representar algo mais valioso, e receber alguma atribuição afetiva que vá além da sua funcionalidade inicial (Silveira, 2017)

As roupas trazem consigo significados, memórias, emoções e sentidos, contam e recontam histórias, que auxiliam na busca da essência e no relacionamento emocional com a peça, que se torna capaz de contar histórias (Castilho, 2004). Ou seja, moda e memória estão diretamente ligadas, pois, a vestimenta que é usada ao longo da vida está inserida tanto no âmbito da moda como no da memória, pois, mesmo inconscientemente, faz-se lembrar de momentos já vividos, ou seja, a roupa além de fazer lembrar algo, também possui a sua própria carga histórica por estar presente no momento vivido (Silveira, 2017).

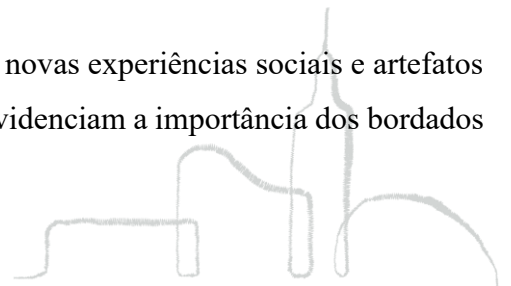
Sehn (2017) entrevistou 50 pessoas tratando da temática memória, roupa e ressignificação dos sonhos. Dentre elas, 92,7% lembram de alguma peça que marcou algum momento importante de sua vida (formatura, casamento, festas, aniversários, momentos de conquista, a ocasião em que conheceram alguém especial, primeiro emprego) e 83,3 % ainda guardam essa roupa, onde detêm de valor emocional e lembranças de momentos. Como afirma Silveira (2017), essa é a contribuição de uma peça de roupa para eternizar um acontecimento especial e registrar na memória a experiência e a sensação vivida num momento específico (Silveira, 2017).

A memória está na materialidade e imaterialidade que despertam lembranças daquilo que se viveu, dos lugares, das pessoas que conheceu, a mancha de cigarro na jaqueta, o desgaste da bainha, o desbotado da calça, o cheiro da pessoa amada ou mesmo o cheiro da roupa nova. Esses sentimentos e emoções que as roupas podem produzir atestam a ela um caráter de objeto memorialístico que sobreviveu e sobrevive ao longo do tempo, como um registro evidente e notório da memória coletiva (Ferreira, 2015).

Conservamos com a utopia de reviver aquilo que a peça já viveu, em nos aproximar de quem já a usou, de nos apropriar das histórias e memórias confiadas, atreladas a peça. É bastante comum existir entre as famílias roupas que são herdadas a cada geração, peças que depositamos afeto e emoções. Temos a ideia que ao preservar estamos resguardando a história e memória familiar, imortalizando características de nossos antepassados (Lopes, 2017).

Considerações finais

A chegada de imigrantes húngaros no Brasil propiciou a entrada de novas experiências sociais e artefatos dessa cultura. Estas concepções são mantidas por meio de iniciativas que evidenciam a importância dos bordados em peças de vestuário enquanto importante aspecto da cultura húngara.



Os bordados húngaros confeccionados ou trazidos para o Brasil carregam um conjunto de dimensões afetivas que evocam memórias e lembranças na comunidade imigrante e descendente. Assim, sua presença pode ser considerada como herança cultural.

Ressalta-se, ainda, que são escassas as fontes de informações no que tange esse tipo de bordadura e a sua trajetória no Brasil. Portanto, reitera-se a importância da análise de âmbito acadêmico dos aspectos simbólicos e técnicos do Kalocsai, bem como a continuação desse trabalho, para assim, seja possível contribuir para a manutenção da cultura húngara no Brasil.

Referências

ARENDDT, Ignácio. **Etnias de Jaraguá do Sul – Hungria**. Prefeitura de Jaraguá do Sul. Disponível em: <http://www.jaraguadosul.sc.gov.br/etnias-de-jaragua-do-sul-hungara>. Acesso em: 14 mar. 2024.

ASSOCIAÇÃO HÚNGARA. Disponível em: <http://www.ahungara.org.br/>. Acesso em 14 mar. 2023.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2018.

CASTILHO, Kathia. **Moda e linguagem**. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2004.

FERREIRA, Diego Jorge Lobato. A moda pelo viés da memória: das passarelas para o museu. **Revista Moda documenta**: Museu, memória e designer. n.1, p.1-14. 2015. Disponível em: http://www.modadocumenta.com.br/anais/anais/5-Moda-Documenta-2015/06-SessaoTematica-Moda-e-Museu/Diego-Lobato_ModaDocumenta2015_A-MODA-PELO-VIES-DAMEMORIA.pdf. Acesso em 20 nov. 2022.

HÉDER, Enikő. **El bordado de Kalocsa ayer y hoy – bajo las ágiles manos de las bordadoras y en los escaparates de Budapest**. LHO, 2007. Disponível em: http://www.lho.es/index.php?pagetype=literary_corners&id=1963#self. Acesso em: 12 mar. 2023.

IRMA, Eckert. **A kalocsai hímzés eredete és fejlődése**. In: Acta litterarum ac scientiarum Regiae Universitatis Francisco-Josephinae : sectio philologico-historica, 8, 1935, pp. 55-64, 1935. Disponível em: https://acta.bibl.u-szeged.hu/view/type_title/article/A_kalocsai_h=EDmz=E9s_eredete_=E9s_fejl==0151d=E9se.html. Acesso em: 08 mai. 2023.

LOPES, Jéssica Bitencourt Lopes. Roupas como pontes de Memórias Afetivas. In: Encontro de Pesquisas Históricas PUC-RS, 4 2017. **Anais [...]**. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/anais/ephis/assets/edicoes/2017/arquivos/7.pdf>. Acesso em 20 nov. 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA – UNESCO. **Hungria**: Relatório Periódico 2006 -2012. Disponível em: http://szellemikulturalisorokseg.hu/doks/unesco_orszagjelentes_angol.pdf. Acesso em: 08 mai. 2023.

NÁDOR, Orsolya e SZÚCS, Tibor. **Hungarológiai Évkönyv**, 2005, VI. évfolyam 1. szám, Pécs: Pécsi Tudományegyetem Bölcsészettudományi Kara, 2005, 166-179.

NERY, Olivia Silva. Objeto, memória e afeto: uma reflexão. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.10, n.17, p.144-161, Jul./Dez.2017.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DA HUNGRIA - ICH. Comitê do Patrimônio Cultural Imaterial da Comissão Nacional Húngara. **Vivendo a herança tradicional no espaço cultural de kalocsa: bordado, pintura ornamental, trajés tradicionais e dança folclórica (2009)**. Disponível em: http://szellemikulturalisorokseg.hu/index0_en.php?name=en_0_kalocsa. Acesso em: 08 mai. 2023.

SEHN, Luana Roberta. O sentir da moda: a roupa como instrumento de ressignificação dos sonhos. **Monografia** (Curso de Design de Moda) - CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES, Lajeado, junho de 2017.

SILVA, Emanuelle Kelly Ribeiro da. Quando a cultura entra na moda: a mercadologização do artesanato e suas repercussões no cotidiano de bordadeiras de Maranguape. 2009. 165f. **Dissertação** (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza-CE, 2009. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/1276>. Acesso em 23 ago. 2023.

SILVEIRA, Laiana Pereira da. Moda e Memória: A importância da vestimenta para a construção de memórias afetivas. **Achiote: Revista Eletrônica de Moda**, v. 6, n. 1, 2017, p. 90-101.

SILVEIRA, Laiana. Vestuário, memória e (des)construção identitária. **Revista de Ensino em Artes, Moda e Design**, Florianópolis, v. 5, n. 3, p. 24–35, 2021. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/ensinarmode/article/view/19600>. Acesso em: 4 mar. 2024.

SOUSA, Juliana Padilha. Tramas invisíveis: bordado e a memória do feminino no processo criativo. **Dissertação** (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências das Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes, Belém, 2019. Disponível em: http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/11443/7/Dissertacao_TramasInvisiveisBordado.pdf. Acesso em 08 mai. 2024.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx**: roupa, memória, dor. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

